2.ª SERIE. TOMO II.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal — S. J. RIBEIRO DE SÁ.

N.º 2. QUINTA FEIRA, 18 DE OUTUBRO DE 1849. 9.º ANNO.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

CAMARAS MUNICIPAES.

I

15 Desejando concorrer com os nossos trabalhos para o desenvolvimento dos interesses moraes e phisicos do reino, chamaremos hoje a attenção das Camaras Municipaes, sobre a serie de artigos que vamos escrever, ácerca de um dos mais importantes ramos da administração publica.

As Camaras Municipaes são um grande poder para a civilisação — convém estudal-o, e preparar-lhes o caminho que devem seguir. para cumprirem as obrigações que a tradição, a lei e os povos dellas exigem.

O direito municipal é parte essencial do direito publico. Considerado por esta fórma entra no estudo philosofico da jurisprudencia. Não é nosso proposito examinal-o de tão alto.

A parte pratica do direito, o que se chama — Administração Municipal — eis o que havemos de considerar em os nossos artigos.

Para chegarmos a este ponto poremos de parte a curiosa analyse de como o municipio romano e a comuna da idade media se fundem em o nosso direito municipal, porque esse trabalho é um estudo litterario e não uma questão de direito administrativo.

Como a familia vive na cidade, o municipio existe no reino.

A vida municipal é simples, vigorosa e proficua.

O municipio, como organisação federativa dos estados, é um grande elemento da sua prosperidade, é um poderoso correctivo contra o abuso da centralisação governativa.

A Inglaterra deve ás suas illustradas municipalidades metade da paz e da riqueza que possue.

O principio da associação não se desenvolve vigoroso e robusto senão ao pé dos paços das communas.

A simplicidade da organisação municipal está na sua origem — é um poder que nasce directamente do povo, que bebe o seu direito de uma fonte, que não se alimenta das questões que, no fim do seculo XVII, se formulavam na celebre controversia entre Bossuet e o ministro Jurieu, a proposito do direito divino e da soberania popular. Felizmente estas discussões, banhadas por tanto sangue e por tantas lagrimas, não chegam até á casa da municipalidade. Passam como o vendaval por sobre o rochedo das costas do occeano, pois que se esses rochedos são braços eternos que susteem as ondas, tambem as municipalidades são balisas seculares que defendem a nacionalidade contra as invasões que a pertendam destruir. Mas, para alcançar este fim, é mister possuir o vigor da probidade e da intelligencia. Pela probidade se veneram as tradições do passado e por meio da intelligencia se anteveem as revelações do futuro. Ao homem bom e ao homem letrado pertencem por direito as cadeiras municipaes. A propriedade, e o capital circulante, só por qualquer destas fórmas ahi deve ser representado.

Á voz do municipio, a cidade e a villa, se erguem — as suas ruas se abrem e se crusam, os seus edificios se regularisam e se aformoseam. Do cofre municipal sahe a instrucção mais util do povo, e o soccorro para a infancia desvalida, para a adolescencia enferma e para a velhice decrepita. Os paços do municipio passam para além da casa em que se reune; chegam até ao limitte do seu territorio. A agricultura os forra com os pastos sempre virentes, e sobre estes tapetes, que alimentando os gados se convertem em oiro, alevantam-se, como columnas de um templo de paz, os arvoredos que purificam o clima e que se aproveitam para as construcções de terra e mar, onde os braços do proletario vem buscar nobremente o sustento da familia. O trabalho fabril é como um hymno que festeja esta apotheose da verdadeira organisação das nações.

Sem o municipio a vida social não é completa; faltalhe esse principio de amor e de interesse commum, que liga os homens nas familias, as familias nas cidades, as cidades nas nações e que no futuro fará do Universo uma harmonia, eccho dessa idéa que levando-nos por entre as regiões do infinito nos faz sonhar a paz da bem aventurança eterna.

Quando a guerra era um dezejo do mundo, todos corriam para ao pé dos thronos ou das grandes assembléas que representavam o povo. — Era dahi que os exercitos partiam para a victoria ou para a morte — era nas côrtes dos principes, que os cabos de guerra

se embriagavam com a coragem do valor ao receberem os honrosos favores de mãos reaes. Era nos tumultos e nas apaixonadas discussões de assembléas governativas, que as espadas se afiavam para as conquistas, e que as coroas de triumpho passavam por ante os olhos como uma tentação absoluta e dominadora.

Ao presente que a paz é para o mundo uma necessidade e não um dezejo, é perto do municipio que o homem reconhece as suas vantagens examina os meios de a alcancar e vê surgir do estudo e do trabalho uma nova epopéa escripta nas paginas da historia moderna conforme as regras que estão traçadas no Evangelho.

Esboçar o grande fim das municipalidades é quanto basta para reconhecer, que não podem existir sem instrucção publica e sem o auxilio da imprensa.

Quando o governo proclamar, que a instrucção publica é o primeiro dever do estado, os municipos terão sido dotados com uma base segura.

Quanto aos deveres da imprensa, na falta de jornal especial, que esta materia carecia, a REVISTA seguidamente a estudará para assim poder ser util a todas as camaras municipaes do reino.

Entre a instrucção publica e a obra da imprensa, está a independencia moral dos corpos municipaes.

É mister que os municipios representem as necessidades e os interesses locaes e não a vontade do poder central, é mister que sejam um meio de civilisação em logar de uma machina eleitoral: nestas palavras não accusamos, expomos um dogma da nossa crença.

Respeitados estes principios, assentamos que é nascida livremente do povo, envolta no sacrossanto estandarte da patria, e coroada pela dupla coróa do saber e da virtude, que a representação municipal se deve apresentar á nação.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

AGRICULTURA.

Do melhoramento dos terrenos e da drainagem.

CAPITULO I.

(Continuado de pag. 3.)

Da acção da agua na vegetação.

16 Sendo a agua a causa principal do mal, com que temos a luctar, devemos procurar investigar a acção que ella exerce na vegetação, e a maneira como opera sobre a terra e na terra. A agua, que cae em forma de chuva, de neve, ou geada sobre a superficie da terra, tendo naturalmente a penetrar pelo interior do sólo. Quando ella cae em grande abundancia, ou com muita força, e rapidez, a terra não a póde tomar toda, e então a que não é embebida, foge escorrendo por cima da superficie do sólo. Ao principio forma regos, depois regueiras, depois ainda regatos, torrentes, ribeiras e rios, até se ír lançar no grande reservatorio do Oceano; tambem acontece parar no seu curso e então vae formar os lagos, pantanos ou paúes.

Uma parte da agua que se não embebe na terra, escóa-se pelo modo que deixamos referido, ao mesmo passo que outra parte, redusida a vapores, torna a subir para a atmosphera, que a havia formado primitivamente.

A agua tem assim um movimento constante de ascensão da terra para a atmosphera, e da descida da atmosphera para a terra, onde é indispensavel á vida de todos os entes organisados.

Em quanto atravessa a atmosphera, a agua se impregna do ar, isto é, de gazes, que arrasta comsigo, deposita-os no sólo, e que servem para os tornar ferteis.

Chegada que é á terra, a agua exerce uma acção activa: primeiro obra sobre as plantas, humedecendo e intumecendo os seus tecidos facilitando assim a sua creação; depois dissolve as substancias que encontra no sólo e nos estrumes. A agua serve de vehiculo a estas substancias, que transporta a todas as partes das plantas, e termina por decompôr-se para lhes servir de alimento. A agua exerce nas plantas a mesma acção que o sangue nos animaes, acção prodigiosa sem a qual as plantas não podiam existir.

A quantidade de agua, que as plantas exigem para o seu inteiro desinvolvimento não é sempre a mesma, varia conforme a naturesa da planta, e conforme o uso que o homem pertende tirar della.

Eis o motivo porque as plantas, que são cultivadas, para se lhes aproveitarem as hastes e folhas, como as hervas, e em geral todas as plantas de forragem para chegar ao seu maior desinvolvimento uma porção de agua maior, do que as que são cultivadas para se lhes tirar as sementes ou os fructos.

(Continuar-se-ha).

MODO DE CONSERVAR AS UVAS.

17 Em uma barrica de sufficiente grandeza faça-se uma cama de sêmeas de trigo, que devem ser primeiramente bem seccas ao forno; sobre esta cama colloquem-se os cachos de uva á vontade; sobre estes nova camada de sêmeas, e assim successivamente até a barrica ta se encher. Depois tapa-se bem a barrica de modo que o ar não penetre dentro. Isto basta para que as uvas se conservem por largo tempo.

MODO DE REUNIR OU SOLDAR ENTRE SI LAMINAS OU PEDAÇOS DE TARTARUGA.

18 Sendo estas substancias susceptiveis de abrandarem-se na agua quente, e de adherirem entre si por meio do calor, para soldar dois ou mais pedaços basta que se embrandeçam na agua quente, para se lhes dar a forma que se pertende: depois juntam-se os pedaços, que se desejam soldar, e comprimem-se fortemente no torno. Deve haver todo cuidado em adelgaçar com uma lima as bordas dos pedaços que se hão-de unir.

LITTERATURA E BELLAS-ARTES.

AMOR COM AMOR SE PAGA.

Proverbio.

(Continuado de pag. 9.)

SIR WILLAIM.

19 Conheci esse grande escriptor em 1830, dois annos antes da sua morte. Foi um amigo intimo de meu pae. — Nessa épocha Walter Scott era um homem já quebrado pela edade, e sobre tudo pelos profundos desgostos que lhe amarguraram os ultimos annos da vida: mas o seu aspecto venerando, a amenidade das suas maneiras, a afabilidade e espirito das suas palavras, e sobre tudo a aureola luminosa de talento que o cercava, causaram-me tal impressão, que ainda hoje me lembro com saudades das horas que passei no castello de Abbotsford. São das horas mais bellas, senão das mais suaves da minha vida.

D. LUIZ.

Oh! Walter Scott é o poeta que pintou melhor, que melhor comprehendeu os encantos, a poesia das mulheres do norte.

MARQUEZA.

Eu, tenho nos seus romances amigas intimas com quem fallo, de quem sinto os padecimentos, com quem choro e com quem me alegro. — Não conheceu, não encontrou alguma vez Sir William, o original da pura e graciosa Brenda, ou da suave e pensativa Mina?

WILLIAM.

(Com paixão). Na Escossia ha dessas divinas creaturas; mulheres-anjos, para quem é pouco o amor: que devem ser adoradas: anjos que purificam e espiritualisam os sentimentos e as paixões.

D. LUIZ.

Tua prima, a bella Miss Georgina, de quem me fallaste em París. . . .

WILLIAM

(Com tristeza). Era graciosa e pura como Brenda; meiga e candida como Julietta.

MARQUEZA.

Morreu?

WILLIAM.

Morreu.

MARQUEZA.

Pobre menina!

D. LUIZ.

Mas foi amada: tu amastel-a, William . . .

MARQUEZA.

Ha segredos que se não devem, que se não podem dizer; porque pertencem em parte ao mundo dos espiritos.

(Pausa. — A pendula dá dez horas, William mostra-se ligeiramente impaciente até ao fim da scena.)

MARQUEZA.

Não tem encontrado em Portugal, Sir William, nada que lhe pareça tão bello como a sua Escossia?

SIR WILLIAM.

Este paiz é encantador, é a patria de V. Ex.ª

MARQUEZA.

Cintra é um paraiso, não é assim? Aquella serra hade trazer-lhe á lembrança as serras habitadas pelos poeticos highlanders, de que nos falla o seu romancista.

SIR WILLIAM.

É na realidade uma perola com que a naturesa mimoseou a Peninsula.

MARQUEZA.

As serras da Escossia estão ainda povoadas pelas virgens vaporosas de Ossian; basta isso para as tornar mais encantadoras aos olhos de um poeta, do que a nossa Cintra, onde só se encontram as prosaicas filhas da terra.

SIR WILLIAM.

A poesia aqui na peninsula é menos nebulosa do que a nossa poesia do norte, mas não é menos bella. As flores e a luz perfumam, illuminam tudo — tornam formosa até a morte.

D. LUIZ.

(Tendo na mão o album da Marqueza). Aqui está justamente a verdadeira representação da poesia meridional, como tu a intendes. Um anjo cobrindo um tumulo de rosas.

MARQUEZA.

É isso mesmo. É verdade. — A proposito. Sei, Sir William, que mo disse D. Luiz, sei que desenha admiravelmente: espero que me enriquecerá o meu *album* com uma composição sua.

SIR WILLIAM.

Quando V. Ex.ª ordenar, minha senhora. Os elogios que me fez D. Luiz, são elogios de amigo, são immerecidos. Mas o que não faria eu, para obedecer ás ordens de V. Ex.ª?

D. LUIZ.

Aqui tens o album da Sr.ª Marqueza.

MARQUEZA.

Esse não; não é nesse *album* que eu dezejo ter o desenho de Sir William. É no meu *album* intimo, que hei-de guardar a lembrança que elle

quer ter a bondade de me deixar. *(Levantando-se.)* — Vou eu mesma buscar o *album* *(Sáe)*.

SCENA VI

SIR WILLIAM E D. LUIZ.

D. LUIZ.

Que te pareceu a Marqueza?

SIR WILLIAM.

É uma senhora encantadora; superior a tudo quanto della me tinhas dito.

D. LUIZ.

Mas tenho notado que estás distrahido, impaciente...

SIR WILLIAM.

É que são dez horas, e eu prometti...

D. LUIZ.

O que prometteste?

SIR WILLIAM.

Não te disse, que tinha recebido uma carta?

D. LUIZ.

Sim. Da tua mysteriosa dama das violetas.

SIR WILLIAM.

Nessa carta promettiam-me um *rendez-vous*: hoje, ás dez horas.

D. LUIZ.

E tu...

SIR WILLIAM.

Devia estar a esta hora á espera da pessoa que me deve conduzir aos pés da bella... — supponho que será bella; mas...

D. LUIZ.

E se o não fosse?

SIR WILLIAM.

Accordaram todas as minhas illusões de outro tempo. — Devo confessar-te com franqueza, que me sinto atrahido irresistivelmente para essa mulher de que nada sei, que não conheço. É talvez o mysterio que me atrahe. Tenho creado na fantazia um ente...

D. LUIZ.

Formosissimo?

SIR WILLIAM.

Poetico, encantador como... como a Marqueza. — Perdoa-me. Tu amas a Marqueza, e talvez...

D. LUIZ.

Não amo, não posso ter amor á Marqueza. Só lhe tenho amizade pura, sincera como a amizade de um irmão.

SIR WILLIAM. *Com interesse.*

De véras? Não me enganas?

D. LUIZ.

Dou-te a minha palavra de honra, que te digo a verdade.

SCENA VII

OS MESMOS E A MARQUEZA, *com um album.*

Aqui está o meu *album* Sir William. *(Sentando-se e mostrando-lhe algumas paginas.)* Só conservo aqui as lembranças das pessoas que tenho em mais apreço.

SIR WILLIAM.

Não sei como hei-de agradecer a V. Ex.ª tanta bondade.

MARQUEZA.

Amanhã lho mandarei, e espero que se não esquecerá da promessa que me fez.

SIR WILLIAM.

Levo hoje mesmo o *album*, e dar-me-hei pressa em obedecer ás suas ordens, sr.ª Marqueza.

MARQUEZA.

Vou mandar-lho pôr na carruagem *(Puxa o cordão de uma campainha)*. — É provavel que nos encontremos hoje, Sr. D. Luiz, no baile do Marquez de Atouguia. É o ultimo baile deste inverno: *(Á aia que entra.)* Mande pôr este *album* na carruagem do Sr. D. Luiz. *(A aia sáe)*.

D. LUIZ.

Eu estava agora mesmo para pedir a V. Ex.ª licença para nos retirarmos. Sir Wiliam tambem vae ao baile... *(levanta-se)*.

MARQUEZA, *olhando para o relogio.*

São dez horas e um quarto. O baile á meia noite deve estar muito brilhante.

SIR WILLIAM, *levantando-se.*

Indo V. Ex.ª, o baile do marquez de Atouguia deve ser o mais bello baile deste inverno.

MARQUEZA, *rindo.*

Hade pelo menos ter uma coisa que o distingua dos outros. — Todos se hão de admirar de vêr n'um baile uma pobre mulher, que já ninguem conhece, e de quem ninguem se lembra.

SIR WILLIAM.

Quem póde esquecer-se de V. Ex.ª?

MARQUEZA, *saudando sem se levantar.*

Meus senhores: até logo.

AMBOS.

Senhora marqueza.

(Sáem).

SCENA VIII.

A MARQUEZA, *só.*

(Tirando uma carta da luva e lendo) Vem... Responde-me com palavras singelas, mas que provam uma exaltação de que meu irmão o não julgava susceptivel. — Ama, William sente amor pela sua dama Branca. Tenho ciumes della; tenho ciumes de mim mesma. — Isto que eu sinto é amor, amor como eu o não senti nunca. E não sou correspondida! Não foi para mim que escrevem estas palavras; foi para um ente que elle concebeu livremente na sua imaginação. — Ai! O que eu fiz, foi uma loucura. Devia ter apparecido, mostrar-me e captival-o. Agora?.. Tenho uma rival, e essa rival sou eu. — São horas, vou mandar Roza buscal-o. — Que imprudencia! se elle me conhecesse agora, pela voz!.. *(pausa)* — Não importa. É preciso pôr hoje termo a esta comedia, que já me afflige; que não posso supportar por mais tempo.

(Sae).

JOÃO DE ANDRADE CORVO.

(Continuar-se-ha.)

NUNCA MAIS.

(Carta.)

Meu bom amigo.

20 A noite de 14 para 15 de setembro nunca póde esquecer-me. Se quem ler estas linhas tiver perdido um pae muito amado; se tiver passado junto do seu leito horas de angustia, espreitando a vida, que se esvae em cada arranco da agonia; se tiver visto fugir-lhe a existencia no suspiro final; se depois tiver contado os longos e silenciosos minutos de uma noite, ao pé daquelle, que lhe chamava — filho — e que já não vive, ha de comprehender o que senti naquella noite. Dizel-o eu não sei, nem posso.

Foi então que fiz esta poesia. Foi então que a fiz, porque a senti no coração. Depois precisava dar largas ás impressões que mal me cabiam no peito. Escrevi, rimei, metrefiquei. Esta poesia é um écho daquella noite. Como tal lhe quero. Pouco me importa se a fórma é imperfeita, se os pensamentos são vagos e descosidos. Foi assim que a senti. É toda a explicação que posso dar.

Agora, meu amigo, mando-lhe estes versos, taes como sahiram, para serem impressos no seu jornal. Se alguem julgar que os publico por vaidade, engana-se. Entendo que a saudade não se alardeia, nem se envergonha de si.

Bem sei que não é este o modo de sentir *segundo a sociedade.* O mundo exige o sentimento formulado, pautado, regulamentado, prescripto de uma fórma unica e invariavel. É o sentimento do lucto, do nojo, das cerimonias. É o sentimento que prescreve ao cabo de tres mezes, de seis, de um anno, segundo as determinações da lei, ou da etiqueta. Talvez haja gente, a quem satisfaça este modo de sentir. A mim declaro francamente que não.

Sinto e soffro como sei, ou como posso; e não reconheço em ninguem o direito de me impor exigencias sobre este ponto. Escrevi estes versos, porque precisava escrevel-os. Publíco-os, porque alguem mo pediu, e não me envergonho de os ter feito.

Escolhendo a REVISTA para inscrever nas suas columnas este canto intimo e lugubre, parece-me que dou ao seu Redactor uma prova de que sei apreciar os seus sentimentos, e agradecer-lhe a sua affeição, e de que sou sinceramente

Travessa de Santa Justa
6 de Outubro. De V.. etc.

J. M. DO CASAL RIBEIRO.

Pae, tu dormes?... Não respiras!...
Não te pulsa o coração!...
Já não gemes!... Não suspiras!...
Fria, fria a tua mão!...
Pae, acorda; falla, falla.....
Nada... tudo aqui se calla
Na mudez, na solidão.

Pae, escuta, ouve este brado:
Sou teu filho! Não me vês?
Não me vês no chão prostrado
A beijar-te humilde os pés?...
Pae, não sentes estes prantos?
Pae, não ouves estes cantos,
Nunca mais, nem uma vez?...

Ai! não ouves, não; morreste...
Para ti tudo acabou:
Este corpo em que viveste
Para sempre se gelou.
Para sempre! Eterna calma
Cobre o corpo; mas a alma
Essa não, que ao céu voou.

Voou, sim; se alguem duvida
Da eternidade, dos céus,
Venha essa turba descrida,
Venham scepticos, atheus,
Venham todos moços, velhos;
Quero vel-os de joelhos
Dizer se negam a Deus!

Ai! não vives! É a morte
Que te prende o coração!
É commum, mas negra sorte!
É fatal este condão!
Morrem aqui os amores;
Morrem prazeres e dores;
Morrem sonhos de ambição.

Morre tudo; seccam prantos,
Seccam os goivos tambem;
Hãode até callar-se os cantos
Que do peito aos labios vem;
Morre tudo; mas não hade
Morrer nunca esta saudade
Que a minh'alma agora tem!

A saudade é monumento
Que não partem escarcéus;
É um voto, um pensamento
Que da terra sobe aos céus;
Lirio que não desabrocha,
Onda que não quebra a rocha,
Dôr que só se diz a Deus.

Ai não vives! Este gelo
Nunca mais se aquecerá!
Hoje posso ainda vel-o,
Ámanhã é tarde já!...
Estes labios descorados
Ficarão *sempre* callados;
Tudo em pó se desfará!

Pae, desprende dessa bocca
Um suspiro, um som, um ai;
Esta mão que a minha toca
Ergue-a, dá-me a bençam, Pae...
Dá-me a bençam; n'um sorriso
Dize se no paraiso
A memoria não s'esvae.

Oh! dize, dize; não sentes
Estas lagrimas de dor?
Destas lagrimas ardentes
Não te repassa o calor?
Não vão ao seio da morte
Vibrar a corda mais forte
Do teu paternal amor?

Dize, falla, attende o preito
Deste amor, dos votos meus;
Ergue-te em pé nesse leito.....
Quero um milagre dos céus!
Dá-me a paz, dá-me a bonança,
Restitue-me a esperança.....
Quero um milagre, meu Deus!

Basta... A morte é um misterio
Que não se deve affrontar;
O sceptro do seu imperio,
Ninguem o póde quebrar;
É somno eterno, profundo
Que *nunca mais* neste mundo
Nunca se póde acordar.

Pae, morreste... Apenas vejo
Os teus despojos mortaes;
Este cadaver que beijo
Não póde ouvir os meus ais;
No tope do teu calvario,
Nas pregas deste sudario,
'Stá escripto—*nunca mais!*

J. M. DO CASAL RIBEIRO.

MEMORIAS D'UM DOIDO.

Introducção.

21 Será verdade que todos os homens nasceram eguaes em intelligencia, e que só as circumstancias exteriores decidiram da vocação de cada um?

Esta theoria repugna, acceita em toda a sua exaggeração philosophica, mas tem muito de verdadeira. De que depende o destino? D'um acaso, d'um capricho, d'um acontecimento insignificante, d'um movimento indeterminado do espirito.

E ás vezes eu emprego-me a appreciar os factos da historia, e as creações da arte, para ver de que modo se constituiram o drama da humanidade, e as concepções do talento, dentro da esphera desta idéa.

Supponhâmos que Chatterton encontrava um especulador habil, que se aproveitasse da sua pena? Vêl-o-hiamos talvez—quem sabe—membro dos communs, lord e chanceller da fazenda.

Quem não leu as cartas de *Werther*, com as lagrimas nos olhos, e o coração palpitante?

E se aquella Carlota, boa e inoffensiva creatura, se as tem havido neste mundo, se visse viuva, acabaria aquelle pungente drama domestico, no suicidio do heroe? A exaltação romanesca resignar-se-hia porventura ao delicioso emprego de ensinar a lêr aos charos penhores n'algum exemplar do *Cathecismo de Montpellier*, obra jansenista, que a mim me fez curtir os mais longos abrimentos de bocca, que me lembra ter experimentado em minha vida.

Santa e commoda philosophia de não sei que M. de Biévre, que legou ao mundo esta grande novidade em verso lyrico:

> Le bonheur et le malheur
> Nous viennent du même auteur,
> Voila la ressemblance;
> Le bonheur nous rend heureux,
> Et le malheur malheureux,
> Voila la différence.

E porque? Será a desgraça, que persegue os passos d'um homem, um phenomeno da sua organisação, uma fatalidade do seu destino, uma consequencia das imperfeições sociaes, o resultado d'um erro, ou um capricho fantastico do acaso?

E que seria o romance, se não tratasse de resolver estes problemas tremendos da vida?

O que é a historia do individuo, senão a narração da luta da sua alma com os mil obstaculos da existencia familiar e quotidiana?

Existe ás vezes tão perto de nós, não digo, a felicidade ideal, que não vive na terra, mas o repouso moral, aonde se comprasem as naturesas mediocres e preguiçosas, ou as que já se cançaram de soffrer de continuo, na agonia de esperanças, e de desejos ambiciosos!... Porque a deixámos fugir, porque despresámos o oasis, que nos salvaria das tempestades e do desalento do deserto!

É a sina do talento, esta viagem pela vida, sem descanço, e sem conforto! Mais ou menos, todo o homem superior, sente a voluptuosidade do soffrimento, e as delicias amargas deste duelo com o destino!

Napoleão sem S. Helena, seria o Napoleão completo, que exalta as imaginações, e que de dia para dia cresce e se idealisa no pensamento da posteridade?

Mas quando o homem superior, não póde elevar-se ás alturas do poder, e subir ao pedestal, para que o havia destinado a providencia: quando fatigado da lucta, se vê longe da gloria, para que elle aspira, e perto da obscuridade, que o aterra como a idéa sinistra do nada, então, descrê e blasphema, amaldiçóa os dons do talento, e inveja quasi a existencia pacifica e animal que elle despresára nos delirios do seu orgulho!

Nas sociedades, aonde a influencia do talento é um facto consumado — aonde todas as vocações tem a arena aberta para a conquista d'uma posição gloriosa, são menos raros estes dramas pungentes, que finalisam ás vezes nas lages geladas da *Morgue*, ou nas cellas de Bicêtre.

Em Portugal, até a posteridade é ingrata para as agonias destes infortunios. Nem basta a gloria de Camões e de Affonso de Albuquerque, para que as suas cinzas não sejam confundidas, para que nem uma pedra singela recorde ao mundo o jazigo d'um grande homem!

E depois, a ironia dos indifferentes, e o desdem dos parvos, envenenam tambem, em vida, os que não poderam triumphar da sociedade, ou os que se resignaram a esquecer os sonhos de gloria, nas orgias da devassidão.

A quantos não se dá por ahi o nome de *doidos*, que nasceram coroados com a aureola do talento?.. Doidos! Doidos, é verdade, porque quizeram erguer-se do nada, e dominar esta sociedade, aonde a corrupção é um elemento de poder, e a mediocridade uma garantia de obediencia! Doidos, por que não souberam tomar a vida como ella é, e acceitar submissos a força triumphante da materia!

Que querem? A nossa missão não é corear de louros as frontes ignobeis dos vencedores, mas ajoelhar sobre o tumulo heroico dos obscuros vencidos. O que vão lêr, é a historia d'um desses homens sem nome, que adormecem no seio de uma geração, cançados de soffrer, e cujo orgulho não consente vender a alma, a pedaços, aos especuladores do mundo; chega um momento, em que a mulher em quem depositavam todas as esperanças, se associa tambem aos seus verdugos: então como o Cesar da historia, embrulham-se na toga, perante o ferro homicida de Bruto, e desdenham de disputar uma vida que lhes pesa.

LOPES DE MENDONÇA.

(Continúa.)

ZILLA.

Romance.

(Continuado de pag. 9.)

V.

22 D'entre os braços que a apertam
A moira se desligou,
E os negros olhos baixou
Que de pranto s'innundaram,
Que negra idéa a tomou?
Que lhe fez tal sobresalto?
Que em choro convulso, e alto,
De soluços desatou?

Eil-o que outra vez a toma,
Que em seus braços a retem
Que mal o pranto lhe assoma;
Sobre as faces de cecem,
Lh'o sorve em candidos beijos,
D'amor puro, e sem desejos
Como o santo amor de mãe:

VI.

Vamos, Zilla, que choros são esses?
Esqueces
Que um só delles me póde matar?
Oh! não chores; que á prompta partida
Querida
Seguir-se-ha um mais prompto voltar.

Este ramo de murta florido,
Colhido
Numa noite de santo condão,
Será meu talisman no combate
E do embate
Livrar-me-ha do descrido christão.

VII.

O moiro assim lhe fallava,
Com voz suave e sentida:
Mas a dor que é comprimida,
Mais funda na alma se crava:
N'um instante reprimida,
N'outro instante se dilata
Como a nascente retida,
Que em torrentes se desata.

Novos prantos que a afogavam;
Em cortado soluçar,
O niveo seio a ondear,
Entre as roupas que o occultavam:
Elle em dobradas caricias,
Nos braços a foi tomar,
Com dôr que tinha delicias...
Quem as soubesse contar,
Soubera o que diz a brisa,
Da manhã, quando deslisa
Pelo prado a susurrar;
Quando vem dizer á rosa
Seus segredos amorosa,
Que ninguem póde explicar.

VIII.

Por largo tempo calados,
Os dois amantes ficaram,
E em silencio revelaram
Os seus affectos travados
De esperança, de dôr, de susto.
Adeus proferido a custo
Dos labios delle saíu;
Della nos labios magoados,
Bailar o pranto se viu:
Era a ultima expressão,
A intima voz de amargura
Que vinha do coração.

IX.

A galgar pela extensa explanada;
A galgar sem o rosto volver:
N'um relance transpor a assomada:
No alto monte de novo appar'cer:
A galope dobrando a quebrada,
Solta a rédea até mais se não ver.

R. A. DE BULHÃO PATO.

(Continúa.)

NOTICIAS E COMMERCIO.

ACTOS OFFICIAES.

10 a 17 de Outubro.

DIARIO N.º 239.

23 Extractos de algumas correspondencias de varios agentes consulares de Portugal em Inglaterra, sobre o commercio de exportação de Portugal, mui digno de ler-se, porém que por sua extensão não podemos transcrever.

DITO N.º 240.

Portaria e um officio do coronel presidente da commissão encarregada do melhoramento do Tejo.

Decreto ampliando e modificando as propostas para o emprestimo de 400 contos de réis.

DITO N.º 244.

Resumo geral do lançamento da decima e impostos annexos do anno economico de 1847 a 1848 no districto de Santarem. É a sua importancia de réis 96:566$736.

PROCISSÃO DO SANTO MILAGRE EM SANTAREM.

24 Em uma carta que hoje, quarta feira, 17 do corrente, recebemos de Santarem, lemos que hoje se fará alli uma procissão solemne de expiação pelo desacato commettido no santuario do Santo Milagre. As ruas estarão todas arcadas, e as janellas e portas do sitio, por onde a procissão transitar, estarão armadas. Nada se tem poupado para que a procissão se faça com a magestade, que o caso demanda.

Consta-nos tambem que S. Em.ª o Cardeal Patriarcha de Lisboa assistirá a esta solemnidade.

Pedimos ao nosso correspondente que nos não deixe de dar noticia do como se effectuou esta solemne procissão.

SOCIEDADE PROMOTORA DA INDUSTRIA NACIONAL.

Aviso.

25 Não tendo podido chegar a Lisboa, por causa do tempo que ultimamente tem cahido, muitos productos, que de diversos pontos do reino se esperavam para a exposição da industria portugueza: o Conselho de direcção da Sociedade Promotora da Industria Nacional tem resolvido prorogar por mais quinze dias a abertura da mesma exposição, devendo esta ter logar no dia 29 do corrente mez imperterivelmente.

PAPEL.

26 Chamamos hoje a attenção do fabricante da Abelheira, sobre factos que prejudicam o bom credito da sua fabrica e os interesses da imprensa.

O papel é uma mercadoria que gira no commercio por meio da boa fé das *marcas*. Acontece ha algum tempo, que o papel de que usamos não vem egual no formato, e parte vem roto e perfeitamente inutilisado.

Temos as provas deste facto em o nosso escriptorio, devidamente legalisadas pelo testimunho de mais de uma pessoa. Sabemos que algum dos nossos collegas tem encontrado, álem desta essencial alteração na qualidade, falta de folhas nas mãos.

Como estamos persuadidos de que o fabricante não tem conhecimento destes factos, que prejudicam o seu credito, por isso os levamos por este meio ao seu conhecimento, sem os considerar pelo aspecto fraudulento com que se apresentam.

ESCHOLA MEDICO CIRURGICA.

27 A abertura das aulas desta eschola foi feita este anno com toda a solemnidade. A oração inaugural foi recitada pelo Sr. Magalhães Coutinho, lente substituto da mesma eschola.

Os leitores da *Revista* poderão confirmar louvores que ouvimos fazer a este discurso, quando, n'um dos proximos numeros, o publicarmos.

NECROLOGIO.

Manoel Alves do Rio.

28 Mais um bom cidadão que passou deste mundo para o Reino dos Justos! O Sr. Manoel Alves do Rio era um cavalheiro, cuja falta póde ser chorada por uma nação inteira, por todo um paiz.

Quando se não abunda em cidadãos probos, quando a honra é desgraçadamente tão esquecida, e tão pouco apreciada, é do dever do jornalista que ama a virtude, que respeita a moralidade, ir plantar uma lembrança em um sepulchro honrado.

TAPETE DE OLEADO.

29 Com prazer nos consta que no Porto em a fabrica do Sr. Domingos Paschoal se fez um bello tapete de oleado para salla, sendo o primeiro deste genero que se fez naquella cidade.

Este fabricante merece muitos louvores pelo zelo com que se teem dedicado a melhorar progressivamente os acreditados artefactos da sua fabrica.

Parece-nos esta a occasião de chamar a attenção dos fabricantes desta classe, sobre um tapete de oleado vindo ha pouco de París, o qual forra a salla do Sr. Godefroi cabelleireiro residente em Lisboa, perto do chafariz do Loreto. O tapete a que nos referimos é obra primorosa, não só pela consistencia do oleado, como tambem pelo acertado das côres, que parecem ser da melhor qualidade; seria util imitar este artefacto.

ROMEIRO.

30 Sexta-feira, 12 do corrente mez de Outubro, cerca das 9 horas da manhã, multidão de povo apinhava-se junto á ponte dos vapores, na Praça do Commercio, para vêr um homem vestido de uma blusa parda, alforge ás costas, borracha debaixo do braço, chapéu branco desabado e bordão na mão.

Chegámos e disseram-nos, que o homem que viamos, tinha chegado, havia dois dias, do Porto, e ía embarcar no vapor, para passar ao Alemtejo.

Contaram-nos então, que elle era natural da Sardenha, e que sendo atacado de uma molestia, que lhe tomára a falla, e os pés, fizera voto, se Deus o curasse, de sahir, por sete annos, de sua terra, e ír, com o bordão de romeiro, visitar os logares Santos conhecidos.

A Providencia ouviu-o, e o homem cumpria a sua promesssa. Havia já cinco annos, que se tinha posto a caminho. Visitou primeiro Roma, e dahi partiu em direitura aos logares Santos na Palestina; por onde se deteve tres annos. Dahi viera pela Hungria, Allemanha, França, Hispanha.

Neste ultimo reino demorou-se perto de seis mezes em Santiago, na Galliza, donde partiu para o Porto nos fins de Julho ultimo.

Visitou alguns logares nomeados por sua devoção no nosso paiz; e dirigia-se pelo Alemtejo, para o sul da Hispanha.

* *

FALLECIMENTOS.

31 Morreu no Porto, a 7 do corrente, o Sr. José

Constancio da Fonseca, major de caçadores n.° 7, na 3.ª secção. Foi enterrado no cemiterio de Cedofeita, com as honras devidas. Deixou pobres a sua viuva e seis filhas menores.

Morreu em Guimarães o Sr. José Joaquim Vieira.

Na Figueira falleceu o Sr. Antonio de Oliveira e Sá — era um accreditado negociante de Coimbra, e estava tomando banhos na Figueira. Diz o *Observador* que avaliam a sua fortuna em 60 contos de réis. Parece que não tem herdeiro. Não appareceu testamento.

No Porto, a 8 do corrente, morreu a Ex.ª Sr.ª D. Anna Benedicta Forbes de Almeida.

PRIMEIRO NÓS, DEPOIS VÓS.

32 Em um dos dias do meado do mez findo, uma mulher que habitava para as bandas do bairro de S. José, atacada de um forte spleen, que a accommetteu em consequencia de uma erisipela, que lhe sobreveio ao rosto, imaginou que se devia matar. Da imaginação passou ás obras, e lançou-se a um poço que existia em um quintal de um seu visinho. Pessoa que viu executar-se este acto de desespero, foi avisar o marido, que acudiu a salvar a sua cara metade. A perturbação, em que este se achava, não o deixou tomar as necessarias precauções para salvar a esposa. Ata uma corda á cintura, pede a alguns circumstantes que o desçam ao fundo do poço, que felizmente não era grande. Chega abaixo, e contando mais com a sua amisade do que com as suas forças, toma da mulher, e carregado daquelle precioso fardo grita para cima que o puxem.

Durante os primeiros segundos de ascensão o caso foi bem; porém chegado quasi a dois terços da altura do poço, viu-se na alternativa de ou perder as forças e o tino e de caír tambem ao poço, ou para se salvar, largar o seu precioso fardo. Hesita, dá gritos aflictos, e vencendo nelle o amor da existencia, larga a mulher que por segunda vez baldêa ao fundo do poço.

Meia hora depois entra em casa com o corpo da mulher sem sentidos.

Consta-nos agora que esta mulher se acha quasi restabelecida da doença e da mania do suicidio.

RUINAS DO TERREMOTO.

33 Quarta feira da semana passada, quasi junto ao angulo, que o passeio da Praça de D. Pedro forma defronte da rua do Ouro, abrindo os trabalhadores da Camara Municipál uma cova para assentar um columnello, onde se deve collocar um candieiro de gaz, deram no fundo da cova com uma especie de abobada, tendo dentro porção de trigo queimado e varios objectos de pouca monta.

Deram parte a quem competia do succedido, e pararam com a obra, segundo nos disseram. Com effeito receberam depois ordem para tapar tudo e continuar no trabalho do assentamento dos columnellos.

Não nos parece que foi acertada esta determinação. Julgavamos prudente que a camara continuasse a excavação para examinar o que aquillo era, não porque julguemos que o achado alli valesse a pena do trabalho; mas por que sendo o que se encontrou uma especie de abobada e achando-se a calçada assente sobre ella, poderá dar-se o caso, de que algum dia abata, e cause damno ás pessoas, que nessa occasião por alli transitem.

Pelo que deixamos dito, julgamos que valeria a pena de ter-se procedido a um exame minucioso.

UM CADAVER POR 4800.

34 Foi no Porto que se arbitrou o preço de 4$800 réis para um cadaver.

Tendo-se afogado no Douro o capitão de um navio mercante inglez, prometteram uma moeda a quem lhe tirasse o cadaver do rio. Um rapaz conseguiu este fim e ganhou o premio. Ao mesmo tempo e sem paga achou o cadaver de um pobre tanoeiro que havia dias tinha morrido afogado. O cadaver do inglez foi cuidadosamente recebido pela tripulação do navio a que pertencéra, o cadaver do pobre tanoeiro ficou exposto na praia por todo o dia, tendo alli sido posto ás 5 da manhã — era portuguez!

ROUBO DE CORREIO.

35 Junto á *Ribeira do Teo*, no sitio denominado, a *Cova dos Ladrões*, na noite de 11 para 12 do corrente, o correio, que condusia a malla da *Venda do Duque* para Extremoz, foi roubado por quatro homens, que lhe sahiram ao encontro. Das varias narrações que vimos deste facto, se collige que o fim dos perpetradores deste attentado não foi o roubo de objectos de valor, porém sim o roubo de alguma correspondencia. Varios signaes induziram a crêr que os roubadores não eram pessoas da classe baixa da sociedade. Tudo faz presumir que neste roubo anda mysterio, que só a policia poderá decifrar.

MÁU TEMPO.

36 Pelos jornaes do Porto e de Coimbra, vemos com pezar que nas provincias do norte do reino, o tempo tem estado pessimo. As chuvas teem sido copiosas, e tem produsido enchentes nos ribeiros e rios, que tem causado bastantes estragos: porém de varias correspondencias, que temos presentes, mormente uma de Trancoso, se deprehende que os estragos não são tamanhos como se dizem; e que o susto tem engrandecido mais do que elles realmente são; e que em compensação destes estragos as chuvas teem tido a vantagem de fazerem rebentar as fontes, que haviam

desapparecido, em consequencia dos calores e sêcca do verão, que passou.

MAIS UM PARA A COLLECÇÃO DE M. CHARLES.

37 Ha em Lisboa um cavallo que tem feito mais estragos que o de Troia! Já enfeixou tres carruagens, tem aleijado não sabemos quantos lacaios, e ultimamente matou uma pobre vendedeira, e quebrou a cabeça a um velho.

Na segunda feira, quando o tiraram da lança da traquitana, fugiu, atravessou o largo do Loreto, onde fez a morte que já referimos, e tomando pela rua Nova dos Martyres, partiu á desfillada pela Boa-Vista até ás Janellas Verdes, sem que se saiba onde parou, e muito menos onde pára!

Este malfeitor de quatro pés, pertence hoje ao Sr. Conde de Paraty: se S. Ex.ª o não entrega ao poder domesticador de Mr. Charles, temos de pedir providencias á policia.

T.

THEATRO PORTUGUEZ.

38 Devemos uma ratificação nossa ao artigo que um collaborador da REVISTA publicou em o n.º anterior na parte em que dizia: «A Sr.ª Emilia das Neves e a Sr.ª Soller, são as duas unicas artistas do theatro portuguez.» A nossa opinião não acha justa esta asserção absoluta e avaliamos do mesmo modo que o nosso collaborador o merito das duas actrizes. Não citamos os nomes que se tem acreditado em os nossos theatros para não parecer, que satisfizemos qualquer reclamação individual: — o que fazemos é cumprir um dever de consciencia.

Para nós o louvor que premeia o merito, não deve nunca offendel-o em ninguem.

---

39 *Praça de Lisboa*, 17 *de setembro*. — Fundos publicos de 5 por cento, compra 50, venda 52. Acções do Banco de Portugal, 410$000 réis. Acções do fundo de amortisação, 40 por cento.

Desconto das Notas do Banco de Lisboa, desde 11 até 17 de outubro.

	Por moeda. Compra.	Venda.
11	1$100	1$000
12	1$000	$960
13	»	»
14 Santificado.		
15	$980	$940
16	»	»
17	$970	»

Cereaes em 17 de Outubro.

Trigo do reino rijo	de 350 a 430	réis	a bordo.
» » molle	de 410 a 450	»	»
» da ilha	de 330 a 380	»	»
Milho do reino	de 210 a 220	»	»
» da ilha	de 180 a 190	»	»
Cevada do reino	de 190 a 200	»	»
» da ilha	de 170 a 180	»	»
Centeio do reino	de 210 a 220	»	»

Praça do Porto, 13 *de Outubro*. — Tem sido limitadas as vendas dos generos do Brazil. O algodão do Maranhão e Pernambuco tem sabida prompta de 95 a 100. O carvão de pedra não desce do preço, apezar que teem chegado algumas cargas. Chegou do Pará uma carga de arroz, o que veio paralizar o preço, por em quanto. Está para partir daqui um navio para a California, leva cazas completas de madeira. Desconto de Notas, compra 21 e venda 30.

— Na praça de Londres, foram, em 6 de outubro, cotados os fundos publicos das differentes nações do seguinte modo:

FUNDOS INGLEZES.

Do Banco		Fechados.		
Consolidados	3 p. %	$92\frac{5}{8}$	$\frac{1}{2}$	Por 100.
Redusidos	3 »	Fechados.		
Fundos	$3\frac{1}{4}$ »	Fechados.		
Exchequer bills de Março		39	42	Premio.
« » de Julho		—	—	

ESTRANGEIROS.

Belgas	$4\frac{1}{2}$ »	85	87	Por 100.
Brasileiros	5 »	83	85	»
Dinamarquezes	3 »	—		
Hispanhoes	5 »	$16\frac{1}{2}$	17	»
Ditos	$3\frac{1}{2}$ »	$33\frac{3}{4}$	$34\frac{1}{4}$	»
Hollandezes	4 »	82	83	»
Ditos	$2\frac{1}{2}$ »	$53\frac{1}{2}$	54	»
Mexicanos	5 »	$26\frac{3}{4}$	27	»
Portuguezes	4 »	29	30	»
Ditos consolid. 1841.	—	28	29	»
Russos	5 »	104	107	»

— Na mesma praça foram cotados os cambios para com as outras praças do modo seguinte:

CAMBIOS.

Lisboa	$53\frac{1}{8}$	$\frac{1}{4}$	Por 1$000 rs.
Porto	$53\frac{1}{8}$	$\frac{1}{2}$	»
Rio de Janeiro	$25\frac{1}{2}$	26	»
Paris	25 $72\frac{1}{2}$	25 $77\frac{1}{2}$	Lib.

BIBLIOGRAPHIA.

40 ALMANACK POPULAR PARA 1850. — Vende-se na loja de Lavado, e na rua de S. Bento n.º 114. Preço 160 réis.

L'AMI DE LA RELIGION, *Journal ecclésiastique, politique et littéraire*. — Ce journal paraît les mardi, jeudi et samedi.

Prix: par an . . . . 7$000
6 mois . . . . 3$600

Par le paquebot ou par le courrier d'Espagne, on souscrit à Lisbonne á la librairie française de P. Plan-

tier, rua do Oiro n.º 62, seul correspondant du dit journal.

GAZETA DOS TRIBUNAES.

A *Gazeta dos Tribunaes* começa o nono anno da sua publicação.

Este jornal padrão glorioso para a nossa advocacia, é indispensavel para quantos fazem parte do fôro portuguez.

O Sr. Antonio Gil, advogado distincto, e escriptor de grandes creditos, continúa a ser o redactor da *Gazeta*. Esperamos que este jornal continúe a obter as sympathias que sempre tem merecido.

41 Este Periodico continúa a publicar-se, começando neste anno o nono da sua publicação. Elle é o representante na imprensa do vasto campo dos conhecimentos juridicos. Serve de ecco das opiniões da classe que protege, de orgão dos seus interesses, e de atalaia constante sempre álerta contra os abusos do poder, quasi irresponsavel, sobre cujos actos exerce o seu magisterio de censura nacional.

Tomando parte nas controversias do fôro, e abrindo o campo á illustração da verdade, campo neutro onde tremula o estandarte da lei genuina, a *Gazeta dos Tribunaes* advoga, sem interesse, os interesses da justiça, e defende com egualdade o direito de todos sem excepção. Não tem côr de partido, e é inteiramente estranha á politica, como periodico litterario que é.

Os seus meritos e vantagens constam do seu programma que tem sido sempre religiosamente cumprido na parte mais proficua aos assignantes. Accresce o dever reputar-se a *Gazeta* no geral das questões que discute e pontos de direito que decide, o orgão semi-official desse grande luminar de jurisprudencia patria e vastissimo fóco de luz juridica, a Associação dos Advogados de Lisboa.

O seu programma é pois o seguinte:

A *Gazeta dos Tribunaes* conterá como até aqui na sua integra toda a parte official, maxime dizendo respeito ao fôro, leis, decretos, instrucções e portarias do governo e do thesouro de execução permenente, e em extracto a demais toda sem excepção de nenhuma; e bem assim as sentenças e accordãos mais notaveis dos juizes de 1.ª instancia e tribunaes superiores, ou que estabeleçam aresto a respeito de leis novas ou pontos duvidosos e controversos no fôro, de que a redacção possa ter conhecimento; e outrosim os articulados e allegações de direito de algumas causas mais celebres e interessantes, e seu respectivo juiso ou analyse, consultas de eminentes advogados, e principalmente as preciosissimas da benemerita Associação dos Advogados de Lisboa; artigos de direito e de correspondencia, e polemica juridica: artigos de legislação inedita; resoluções de duvidas aos assignantes; publicações juridicas; variedades ou miscellanea juridica; onde terão especialmente logar as causas de policia correccional, tanto nacionaes como estrangeiras, e annuncios. Finalmente a *Gazeta* tractará tambem de vez em quando de *jure constituendo*, e continúa a responder impreterivelmente como até aqui, a quaesquer duvidas tanto sobre direito civil e commercial, como direito publico constitucional, que lhe forem propostas tanto por parte dos assignantes, como de quaesquer corporações ou auctoridades publicas.

O principal redactor da *Gazeta* é ainda o mesmo, conhecido pelas iniciaes — *A. G.*

O anno da *Gazeta* começa em Outubro.

No fim do anno publica-se e distribue-se *gratis* aos assignantes o copiosissimo indice chronologico e systematico ou mais propriamente reportorio da legislação e de todas as materias contidas no volume, com as conclusões juridicas dos accordãos do supremo tribunal de justiça.

Publica-se ás segundas, quartas e sabbados. Vende-se, e subscreve-se por um anno 6$400 réis. — Por semestre 3$200 réis. — Por trimestre 1$800 réis. — Avulso 60 réis. — Annuncios por linha 40 réis no Escriptorio da Redacção, rua dos Fanqueiros n.º 82, 1.º andar, aonde deve dirigir-se toda a correspondencia, franca de porte. Recebe assignaturas: — em Coimbra o Sr. J. M. S. de Paula, na loja da imprensa da Universidade — no Porto, o Sr. Francisco José Coutinho, administrador da Imprensa Commercial Portuense — em Braga o Sr. Luiz do Amaral Ferreira — em Santarém, o Sr. José Mendes da Costa Pedroso — em Angra, o Sr. Pedro Gonçalves Franco — no Fayal, o Sr. M. M. de Madruga de Bettencourt — na Madeira, o Sr. Christovão José de Oliveira — no Maranhão, o Sr. Manuel José Martins Ribeiro Guimarães — em Pernambuco, o Sr. Miguel José Alves — no Pará, os Srs. Elias José Nunes da Silva, e Francisco Gaudencio da Costa & Comp.ª

EXPEDIENTE.

ESCRIPTORIO E TYPOGRAPHIA — Rua dos fanqueiros n.º 82.

Correspondencia franca de porte — ao Redactor e proprietario da Revista Universal.

Doze numeros . . . . $600 réis.
Vinte quatro ditos . . . . 1$200 »
Quarenta e oito ditos . . . . 2$400 »

Por assignatura sahe cada numero a 50 réis: *avulso* 80 réis.

Além dos artigos assignados pelo Redactor, todos os artigos não assignados pelos collaboradores ou marcados, pertencem á Redacção.

Roga aos leitores das provincias e do Brazil, que communiquem os conhecimentos dignos de se publicarem em um Jornal como a revista.

Todos os collaboradores estranhos ou nacionaes são bem vindos.

— Publicações recebidas:

O Cadastro e a propriedade predial, relatorio annotado offerecido á commissão geral do cadastro pelo Sr. A. F. da S. Ferrão.

Vozes d'alma pelo Sr. Alexandre Braga.

Em o numero seguinte daremos conta da importante obra que se projecta no rio de Alcantara.